

❖ NOSSAS HISTÓRIAS

Vinte de Novembro

Dom Zanoni Demettino Castro
Arcebispo de Feira de Santana, referencial da Pastoral Afro Brasileira



Aos 20 de novembro do ano 1695, tombava Zumbi dos Palmares, o grande ícone da resistência do povo negro e da luta contra a escravidão.^[1]

Nascido aproximadamente quarenta anos antes, em um dos mocambos do quilombo de Palmares, o pequeno menino foi raptado no mesmo ano do seu nascimento pelo chefe da tropa de Brás da Rocha Cardoso e levado para a freguesia do Porto Calvo, uma pequena vila do Recife, sendo entregue ao Padre Antônio Melo para que se encarregasse de sua criação.^[2]

Poderíamos perguntar: por que o Padre Melo não teve uma postura mais contundente, contrária à escravidão? Por que a Igreja, árdua defensora dos indígenas, não assumiu, naquela época, com o mesmo zelo, a luta contra esse odioso crime? Podemos aceitar a premissa de que a escravidão não se constituía uma opção dentro

do Brasil, mas um imperativo do sistema implantado no país com a colonização portuguesa?^[3] Não podemos negar que a escravidão era uma realidade profundamente arraigada,^[4] poucas eram as vozes que se levantavam para combatê-la. Entretanto, algumas com caráter profético ecoam até hoje.^[5]

Qual teria sido o destino daquele menino franzino caso tivesse caído nas mãos de um mero senhor de escravos? Seria Zumbi o mesmo líder se sua inteligência e capacidade não fossem aguçadas? Podemos compartilhar da visão de que a formação que ele recebeu do pároco foi irrelevante para o desempenho de sua missão?

Neste momento de desafios em que nos perguntamos como viver o mandato evangelizador do Mestre Jesus, vale a pena sublinhar o papel fundamental do pároco de Porto Calvo, Padre Antônio Melo, na educação integral daquele menino batizado com o nome de Francisco. Além de educar essa criança na fé católica, iniciando-o no estudo das Sagradas Escrituras, ensinou-o a ler e escrever e ofereceu-lhe ainda noções de latim.^[6]

Atrevo-me a afirmar que a atitude daquele pároco de aldeia, embora tímida para nossa sensibilidade contemporânea, teve uma grandiosa força profética. Ainda hoje, passados trezentos anos, tal atitude consegue ser um

testemunho relevante para aqueles que acreditam que a reparação desse crime de *lesa humanidade* passa necessariamente por ações afirmativas.

E, justamente, neste momento, iluminados pela Conferência de Aparecida, constatamos que a história dos afrodescendentes “tem sido atravessada por uma exclusão social, econômica, política e, sobretudo, racial, onde a identidade étnica é fator de subordinação social”^[7]. Embora vivamos num novo tempo, numa nova época em que não se admitem etnocentrismos, xenofobismos e preconceitos, os afrodescendentes “são discriminados na inserção do trabalho, na qualidade e conteúdo da formação escolar, nas relações cotidianas”^[8]. As consequências dos 300 anos de escravidão ainda não foram suficientemente reparadas. Os números estatísticos são nítidos: há “um processo de ocultamento sistemático dos valores, da história e da cultura dos afrodescendentes.”^[9] A formação superior, que deveria ser um direito garantido a todos, tem sido uma meta quase impossível de ser alcançada, dificultando ao negro o acesso às esferas de decisão na sociedade”^[10].

Padre Melo percebeu, desde cedo, que aquele menino não era somente um “neguinho” que deveria ser cuidado, mas alguém com grande capacidade de liderança e inteligência. Os afrodescendentes “emergem agora na sociedade”^[11] “assumindo uma atitude mais protagonista” conscientes do poder que têm nas mãos e da possibilidade de contribuírem na construção de uma nova sociedade, justa e solidária^[12].

O negro nunca aceitou pacificamente a escravidão. A resistência e a luta eram realidades bem presentes na sua vida. No século XVII, negros fugidos dos engenhos de açúcar fundaram na serra da Barriga o quilombo de Palmares, no atual território do Estado das Alagoas, terra da promessa e da liberdade, onde se viviam a partilha e a solidariedade, paraíso para todo negro escravizado.

Zumbi, interpelado pela situação em que viviam seus irmãos negros, compreendeu que o seu destino estava ligado à resistência e à luta contra a escravidão, e que não deveria limitar-se a viver tranquilamente em Porto Calvo. Assim, em 1670, aos 15 anos de idade, não querendo mais ser escravo, foge e regressa a Palmares, tornando-se, aos poucos, um grande guerreiro;^[13] conhece como ninguém o modo adequado de defender e resistir às tropas inimigas. Inteligente e astuto, quando o Governador da capitania de Pernambuco, Pedro de Almeida, propôs ao chefe Ganga Zumba um acordo^[14],

Zumbi discorda, não aceitando fazer concessões e não admitindo, pois, que uns negros ficassem libertos e outros continuassem escravos.

O quilombo dos Palmares^[15] crescia a cada dia; para lá se dirigiam, além dos negros, indígenas e brancos pobres. No seu auge, chegou a ter mais de 1500 casas, contando com mais de 30 mil moradores. Transformou-se em estado autônomo, resistindo a ataques holandeses, luso-brasileiros, bandeirantes e paulistas. Foram mais de cem anos de resistência. A organização e a estrutura do quilombo amedrontou tanto aos senhores de engenho como ao governo colonial. Não faltaram apoio financeiro e forte artilharia para que Domingos Jorge Velho e Vieira de Mello, com suas tropas, atacassem e vencessem o Macaco, principal mocambo de Palmares. Os quilombolas palmarinos, embora lutando bravamente, não conseguiram resistir: a maioria morreu lutando. Zumbi, embora ferido, conseguiu fugir. Durante quase dois anos, após a luta, continuou organizando escravos da região e combatendo senhores de engenho e as forças do governo colonial.

Contudo, em 20 de novembro de 1695, Zumbi, traído por um de seus principais comandantes — Antônio Soares, que trocou sua liberdade pela revelação do esconderijo — foi então capturado e torturado. Jorge Velho matou o

rei dos Palmares e o decapitou. A cabeça do grande guerreiro ficou muito tempo na Praça do Carmo, em Recife

A morte de Zumbi não pode ser interpretada como um fracasso e sim entendida como consequência lógica de sua vida comprometida e doada. Nesta data significativa,

faço minhas as palavras de Dom Helder, o nosso grande profeta, no seu belíssimo MARIAMA: “Mariama, Nossa Senhora, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da terra. O importante, Mariama, é que a CNBB, toda a Igreja, embarque de cheio na causa dos negros”.

Notas explicativas:

[1] Cf. MATOS, Henrique C. J. Nossa História. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 2 Ed. Paulinas, SP 2002, PP 142-143

[2] Ibidem 143

[3] Cf. Hoornaert, E, ; Azzi, R; Grijp, K; Brod, B. História da Igreja no Brasil, Ed. Vozes, Petrópolis, 1977 pp 264

[4] Para compreender melhor a escravidão no Brasil e o seu caráter funcional leia Hoornaert, E, ; Azzi, R; Grijp, K; Bod, B. História da Igreja no Brasil, Ed. Vozes, Petrópolis, 1977 pp 258.

[5] O Pe. José Oscar Beozzo elenca algumas vozes discordantes ao sistema escravocrata no Brasil in Beozzo, O. org. História da Igreja no Brasil, tomo II/2.Ed. Vozes, Petrópolis, 1977 pp 265

[6] Alguns historiadores afirmam que havia entre o Padre Melo e o líder de Palmares uma verdadeira amizade, cf MATOS, Henrique C. J. Nossa História. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 2 Ed. Paulinas, SP 2002, PP 143

[7] Documento de Aparecida 96

[8] Ibid

[9] Ibid 402

[10] Ibid 533

[11] Ibid 91

[12] Ibid 75

[13] Cf. MATOS, Henrique C. J. Nossa História. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 2 Ed. Paulinas, SP 2002, pp 143.

[14] A coroa portuguesa nunca permitia acordos entre africanos e colonizadores. A resposta do dia 7 de fevereiro de 1686 sobre o acordo com Palmares dizia o seguinte: “os africanos foragidos vivem em pecado mortal, são revoltosos contra a vontade de Deus, e não se faz paz com inimigos de Deus”, Beozzo, O. Org. História da Igreja no Brasil, tomo II/2.Ed. Vozes, Petrópolis, 1977 pp256.

[15] Muito temido pelos colonizadores os quilombos significavam a esperança dos negros fugitivos e brancos pobres, uma alternativa de Brasil, um Brasil fraternal. Cf. MATOS, Henrique C. J. Nossa História. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 2 Ed. Paulinas, SP 2002, pp 398.

❖ **ESPIRITUALIDADE**

A festa de Cristo Rei e o encerramento do ano litúrgico

Terminamos o Ano Litúrgico: "Através do ciclo anual, a Igreja comemora o mistério de Cristo, desde a Encarnação ao dia de Pentecostes e à espera da vinda do Senhor" (SC nº 102). Diferente do ano civil, o Ano Litúrgico não tem data fixa de início e de término. Sempre se inicia no primeiro Domingo do Advento, encerrando-se no sábado da 34ª semana do Tempo Comum, antes das vésperas do domingo, após a Solenidade de Cristo Rei do Universo. Esta última solenidade do Ano Litúrgico marca e simboliza a realeza absoluta de Cristo no fim dos tempos.

O Ano Litúrgico é um tempo repleto de sentido e de simbolismo religioso, de essência



pascal, marcando de maneira solene o ingresso definitivo de Deus na história humana.

A Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, fecha o Ano Litúrgico. Esta festa celebra Cristo como o Rei bondoso e singelo que, como pastor, guia a sua Igreja peregrina para o Reino Celestial e lhe outorga a comunhão com este Reino para que possa transformar o mundo no qual peregrina. A Festa de Cristo Rei do Universo é um prêmio para todo cristão, é a forma que a Igreja encontrou para coroar todos os esforços e trabalhos das comunidades. Uma festa que é, ao mesmo tempo, de extrema nobreza e humildade.

Advento: Tempo de espera e esperança

O tempo do Advento é, para toda a Igreja, momento de forte mergulho na liturgia e na mística cristã. É tempo de espera e esperança, de atenção e vigilância, preparando a vinda do Senhor.

O caráter missionário do Advento se manifesta na Igreja pelo anúncio do Reino e a sua acolhida pelo coração do homem até a manifestação gloriosa de Cristo. As figuras de João Batista e Maria são exemplos concretos da vida missionária de cada cristão, quer preparando o caminho do Senhor, quer levando o Cristo ao irmão para o santificar.

A liturgia do Advento nos impulsiona a reviver alguns dos valores essenciais cristãos, como a alegria, a esperança, a pobreza e a conversão. Deus é fiel às suas promessas: o Salvador virá; daí a alegre expectativa que deve, nesse tempo, não só ser lembrada, mas vivida, pois aquilo que se espera acontecerá com certeza.

O Advento também é tempo propício à conversão. Sem um retorno de todo o ser a Cristo, não há como viver a alegria e a esperança na expectativa da Sua vinda. É necessário que "preparemos o caminho do Senhor" nas nossas próprias vidas.

Símbolos do Advento

A coroa de advento: É feita de galhos verdes entrelaçados, formando um círculo, no qual são colocadas quatro grandes velas representando as quatro semanas do Advento. A luz nascente indica a proximidade do Natal, quando Cristo Salvador e luz do mundo brilhará para toda a humanidade, e representa também nossa fé e alegria pelo Deus que vem. O círculo não tem princípio nem fim. É sinal do amor de Deus, que é eterno, e também do nosso amor a Deus e ao próximo que nunca deve terminar. Além disso, o círculo dá uma ideia de “elo”, aliança, de união entre Deus e as pessoas.

As ramas verdes: Verde é a cor da esperança e da vida. Deus quer que esperemos a sua graça, o seu perdão misericordioso e a glória da vida eterna no final de nossa vida. Os ramos dos pinheiros permanecem verdes apesar dos rigorosos invernos, assim como os cristãos devem manter a fé e a esperança apesar das tribulações da vida.

A fita vermelha: A fita e o laço vermelho que envolvem a grinalda simbolizam o amor de Deus ou o próprio Espírito Santo a embalar toda criação que é remida com a chegada de Jesus.

As bolas simbolizam os frutos do Espírito Santo que brotam no coração de cada cristão.

As quatro velas da coroa simbolizam, cada uma delas, uma das quatro semanas do Advento. No início, vemos nossa coroa sem luz e sem brilho. Recorda-nos a

experiência de escuridão do pecado. À medida que se vai aproximando o Natal, vamos ao passo das semanas do Advento acendendo uma a uma as quatro velas, representando assim a chegada, em meio de nós, do Senhor Jesus, luz do mundo, quem dissipa toda escuridão, trazendo aos nossos corações a reconciliação tão esperada. A primeira vela lembra o perdão concedido a Adão e Eva. A segunda simboliza a fé de Abraão e dos outros Patriarcas, a quem foi anunciada a Terra Prometida. A terceira lembra a alegria do rei Davi que recebeu de Deus a promessa de uma aliança eterna. A quarta recorda os Profetas que anunciaram a chegada do Salvador.

As cores das velas do Advento são roxa, vermelha, rosa e verde ou também roxa escura, roxa clara, rosa e branca. Geralmente a cor roxa é usada no primeiro, segundo e quarto domingos do Advento simbolizando a conversão e penitência, e a cor rosa no terceiro domingo simbolizando a alegria em meio à expectativa da chegada de



Jesus.

CF: Igreja Informa. Cristo Rei, encerramento do Ano Litúrgico e o Advento

(diocesejoinville.com.br)

❖ **A IGREJA**

Sínodo 2023: Escutar o povo de Deus

Em 2023 acontecerá a XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos cujo tema é: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

Para sermos mesmo capazes de caminhar juntos, como significa a palavra sínodo, foi definido um calendário com fases diocesana e continental que dará vida a dois instrumentos de trabalho diferentes distintos, antes do Sínodo dos bispos de outubro de 2023.

“O Papa quando fala do Sínodo e do dinamismo sinodal diz que a sinodalidade é um caminho muito belo e o caminho da Igreja para o terceiro milénio. Uma palavra fácil de dizer, mas difícil de concretizar. Até porque a escuta pressupõe que se fale com liberdade.

O Santo Padre propõe, assim, uma “modalidade inédita” para a preparação deste grande evento com uma primeira fase vivida em trabalho de escuta em cada diocese e depois um outro momento alargado ao âmbito continental.

O objetivo é a “escuta real do Povo de Deus” para que seja possível “garantir a participação de todos no processo sinodal” – pode ler-se na nota da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos.

Precisamente, o conceito de processo é o método a utilizar. Algo que remete para uma ideia de movimento, o que implica gente em contato, debate e reflexão. Concretizando nas dioceses o próprio tema do Sínodo que fala de comunhão, participação e missão.

Para o desenvolvimento deste processo de escuta, o Vaticano propõe que cada bispo nomeie uma equipe para a consulta sinodal. O mesmo deverá ser feito por cada Conferência Episcopal.



O processo diocesano será enviado para as conferências episcopais respetivas por forma que estas possam formular uma síntese antes de abril de 2022.

Será produzido pela Secretaria Geral do Sínodo até setembro de 2022 um primeiro instrumento de trabalho (instrumentum laboris) juntando aos contributos das conferências episcopais, aqueles da Cúria Romana, de Universidades, Faculdades de Teologia, Uniões de Superiores e Superiores Gerais de Institutos Religiosos, Federações de Vida Consagrada e movimentos internacionais de leigos.

De setembro 2022 a março 2023 decorrerá a fase continental do Sínodo. Cada assembleia continental aprovará um documento final. Até junho de 2023 será redigido um segundo instrumento de trabalho para a grande assembleia sinodal dos bispos que acontecerá em Roma em outubro de 2023.

Para tentar compreender melhor este processo proposto pelo Papa de um caminho conjunto orientado para a comunhão, a participação e a missão, é essencial citar um marcante discurso de Francisco. Aconteceu no encerramento da primeira assembleia sinodal sobre a temática da família.

No dia 18 de outubro de 2014, o Papa sublinhou que a Igreja é Mãe fecunda quando “não tem medo de arregaçar as mangas para derramar o azeite e o vinho sobre as feridas dos

homens”. Uma Igreja “que não observa a humanidade a partir de um castelo de vidro para julgar ou classificar as pessoas”. Uma Igreja “Una, Santa, Católica, Apostólica” - afirmou.

“É a Igreja que não tem medo de comer e beber com as prostitutas e os publicanos. A Igreja que tem as suas portas escancaradas para receber os necessitados, os arrependidos, e não apenas os justos ou aqueles que se julgam perfeitos! A Igreja que não se envergonha do irmão caído nem finge que não o vê, antes pelo contrário sente-se comprometida e quase obrigada a levantá-lo e a encorajá-lo a retomar o caminho” – declarou o Santo Padre.

Nesse mesmo discurso, o Papa Francisco salientou que “quando a Igreja, na variedade dos seus carismas, se exprime em comunhão, não pode errar”. “É a beleza e a força do *sensus fidei*, daquele sentido sobrenatural da fé, que é conferido pelo Espírito Santo a fim de que, juntos, possamos todos entrar no âmago do Evangelho e aprender a seguir Jesus na nossa vida” – disse Francisco.

Rui Saraiva – Portugal

<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-06/sinodo-2023-escutar-o-povo-de-deus.html>



❖ **SABER VIVER**

Morte, perdas e sentimentos

Por Betânia Diniz Gonçalves - Doutora em Psicologia e professora da PUC Minas

No mês de novembro reverenciamos os mortos. Cada cultura trata a morte de um jeito. Algumas se fecham, demonstram tristeza por longo tempo e as pessoas evidenciam essa tristeza no vestir, ao se isolarem e silenciarem. Outras culturas se alegram, reconhecem os valores daqueles que se foram e festejam suas vidas realizando rituais, contando histórias e fatos que reavivam a memória sobre os que não estão mais presentes. Assim a morte é vista como parte natural da vida.

A morte de criança é sentida como algo penoso ou como a oportunidade de ser lembrado sempre como criança, não há consenso. As mortes de pessoas queridas nos afetam profundamente; a morte natural de pessoas distantes, muitas vezes, não nos afeta. Mortes

violentas ou em grande quantidade, decorrentes de acidentes ou desastres, têm um impacto comunitário e não há quem não se afete pelo fato. Situações dessa monta são repercutidas na mídia,



nos encontros, em manifestações diversas. A morte está presente na vida e a ela vamos nos referenciar a partir do que foi e como foi vivido.

Toda perda vai deixar marcas e suscitar memórias. A vida compartilhada será o parâmetro para as memórias reavivadas. Uma pessoa afetuosa e amiga que se vai apontar-nos o melhor de nós, os afetos rememorados são expressos com ternura. Uma pessoa amarga ou maldosa quando se vai desperta memórias pesadas e angustiantes, os afetos manifestos por essa perda são desprazerosos. Falar da morte e da dor permite elaborar a experiência da perda. Não poder falar prolonga o sofrimento, prolonga presenças indesejadas e perdas penosas. Falar permite reconstruir sentidos, repensar desencontros, ressignificar relações e apontar caminhos novos para dar sequência à vida.

Sobre toda morte tem uma história a ser contada. Conta-se sobre o percurso feito pelo sujeito até aceitar a morte, a demora ou a liberdade da acolhida do momento que se impõe. Alguns planejam viver muito e insistem em não morrer. Outros se arriscam desacreditando que a morte é parte da vida e não calculam os riscos, se colocam neles sempre que possível, isso é, o que vale é viver perigosamente. Esses modos subjetivos de viver a vida se apresentam como histórias contadas acerca de quem se foi. Nesse

momento quem olhou essa vida de longe ou participou dessas escolhas registra a sua impressão sobre a vida de quem já não está mais presente.

Penso que o melhor diante da morte é manifestar afetos, sejam eles positivos ou negativos. A palavra expressa e compartilhada pode minimizar a dor. Os que permanecem precisam se ouvir, precisam expressar os sentimentos e elaborar a perda. Alguns sentimentos são comuns e outros nem tanto, divergências surgidas podem ser transformadas em diálogos e expressões de afeto. A morte sem o espaço da palavra intensifica a dor e a não compreensão da experiência de morrer. A morte sem palavra é solitária e pesada, a palavra dita e compartilhada torna mais leve o sentimento e entendimento desse momento da vida.

A certeza da experiência da morte torna esse fenômeno coletivo e sobre ele há muito a ser dito e elaborado. Mortes, perdas e sentimentos podem ser pontos de longos diálogos e construções pessoais e coletivas. Vale a pena uma prosa nesses momentos! Vale também escutar os Tribalistas cantando “Vilarejo”, pois “lá o tempo espera/ lá é primavera/ portas e janelas ficam sempre abertas/prá sorte entrar...”. Escuta só, clica no link: <https://www.youtube.com/watch?v=TGBC6ih92Z>



Toque aqui e acesse nossa
página Vocacional!



Congregação das Irmãs Auxiliares
de Nossa Senhora da Piedade

❖ ATUALIDADE

COP 26

Cuidar do mundo que nos rodeia e nos sustenta significa cuidar de nós mesmos.

Fratelli Tutti



Cachoeira da Reserva Particular do Patrimônio Natural Recanto Monsenhor Domingos, em Caeté/MG

A COP26 é a maior e mais importante conferência sobre o clima do planeta. Em 1992, as Nações Unidas organizaram um enorme evento no Rio de Janeiro, a Cúpula da Terra, quando foi adotada a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC).

Neste tratado, as nações concordaram em “estabilizar as concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera” para prevenir uma interferência perigosa da atividade humana no sistema climático. Atualmente, o acordo tem 197 signatários.

Desde 1994, quando o acordo entrou em vigor, as Nações Unidas reúnem anualmente quase todos os países do planeta para as cúpulas globais do clima, ou as “COPs”, que significa “Conferência das Partes”.

Como uma jiboia que espreme lentamente sua presa até a morte, a mudança climática não é apenas mais um ‘desconforto’, e passou a ser entendida como uma emergência global com risco de vida em apenas três décadas.

Embora novos compromissos tenham sido feitos por países antes da COP26, o mundo

continua no caminho para um perigoso aumento da temperatura global de pelo menos 2,7 °C neste século, mesmo se as metas do acordo de Paris forem cumpridas.

Um aumento de temperaturas dessa magnitude até o final do século pode significar, entre outras coisas, um aumento de 62% nas áreas queimadas por incêndios florestais no Hemisfério Norte durante o verão, a perda de habitat de um terço dos mamíferos no mundo e secas mais frequentes, durando entre quatro e dez meses.

O chefe da ONU, António Guterres, chama esse cenário de “catástrofe climática”, que já está sendo sentida em um grau mortal nas partes mais vulneráveis do mundo, como a África Subsaariana e os pequenos Estados insulares, atingidos pela elevação do nível do mar.

O tempo está passando e, para ter uma chance de limitar o aumento, o mundo precisa reduzir pela metade as emissões de gases do efeito estufa nos próximos oito anos. Essa é uma tarefa gigantesca que só seremos capazes de fazer se os

líderes participantes da COP26 apresentarem planos ousados, com prazos para eliminar o carvão e transformar suas economias para zerar as emissões.

Quatro pontos principais foram discutidos durante a conferência:

1. Garantir que o mundo elimine as emissões de carbono até meados do século e mantenha a meta de não ultrapassar o aumento da temperatura global em 1,5°C.
2. Adaptação para proteger as comunidades e habitats naturais dos países já afetados pelas mudanças climáticas.
3. Mobilizar finanças para garantir recursos.
4. Trabalho conjunto de colaborações entre governos, empresas e sociedade civil.

Fonte: Onu Brasil:
<https://brasil.un.org/pt-br/156377-guia-para-cop26-o-que-e-pr eciso-saber-sobre-o-maior-evento-climatico-do-mundo>

❖ EXPEDIENTE - CIANSP NOTÍCIAS - N.º 8 - Novembro de 2021

O CIANSP NOTÍCIAS é um informativo interno da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade com periodicidade mensal e distribuição digital gratuita.

Casa Central
 Rua Calcedônia, nº 282 - Prado
 Belo Horizonte/MG - CEP: 30.411-103
 Telefones: (31) 3371-1464
 E-mail: ciansp@ciansp.com.br
 Site: www.ciansp.com.br

Organização e diagramação:
 Irmã Juliana Pereira dos Santos

Relações-públicas Responsável:
 José Alessandro de Oliveira, Registro
 CONRERP-RJ 3952
**Consultoria de comunicação e
 finalização:**
 Zele Comunicação

Os artigos publicados no CIANSP NOTÍCIAS são de responsabilidade de seus autores e a reprodução parcial ou total do conteúdo da publicação depende de autorização explícita de sua organizadora.

A Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, mantenedora da Rede Piedade de Educação, é uma associação privada, sem fins lucrativos, beneficente, filantrópica, de assistência social, pastoral e educacional, fundada em 1892, na cidade de Caeté/MG e, hoje, desenvolve atividades em Minas Gerais, Tocantins, Rio de Janeiro, Maranhão e no Distrito Federal.



[Toque aqui e siga o Instagram @vocacioalciansp](#)



[Toque aqui e curta a página Vocacional CIANSP no Facebook](#)



[Toque aqui e acesse nossa página Vocacional Pastoral no site da CIANSP](#)